



n.1
jan-mar
2022

BOLETIM OPSA



BOLETIM OPSA

ISSN 1809-8827

O Boletim OPSA reúne análises sobre acontecimentos de destaque na conjuntura política da América do Sul e tem periodicidade trimestral. A publicação é composta por editorial e textos dirigidos a leitores que querem ter acesso rápido a informações de qualidade sobre temas contemporâneos. As fontes utilizadas para sua confecção são resumos elaborados pelos pesquisadores do OPSA com base nos jornais de maior circulação em cada um dos países e documentos de autoria de pesquisadores ou agências independentes que complementam as informações divulgadas pela imprensa.

A publicação é vinculada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da UERJ (IESP/UERJ).

É permitida a reprodução deste boletim e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Corpo Editorial

Editores Executivos

Marianna Albuquerque e Diogo Ives de Quadros

Editor Adjunto

Ghaio Nicodemos Barbosa

Conselho Editorial

Maria Regina Soares de Lima

Marianna Albuquerque

Leticia Pinheiro

Editoria de Redação

André Pimentel Ferreira Leão

Andrés Londoño Niño

Diogo Ives de Quadros

Ghaio Nicodemos Barbosa

Giovana Esther Zucatto

Guilherme Queiroz Alves

Jefferson Nascimento

Leandro Wolpert dos Santos

Marianna Albuquerque

Marília Bernades Closs

Marllon Motta da Rocha

Pedro Lange Netto Machado

Thaís Jesinski Batista



IESP. UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rua da Matriz, 82 - Botafogo
Rio de Janeiro – RJ
(21) 2266-8300

Observatório Político Sul-Americano

opsa.com.br

Sumário

EDITORIAL

UMA GUERRA SEM PRECEDENTES NO SÉCULO XXI.....PÁGINA 04

ARTIGO

AS POSIÇÕES DA AMÉRICA DO SUL NA GUERRA DA
UCRÂNIA..... PÁGINA 08

Editorial

Uma guerra sem precedentes no século XXI

Não restam dúvidas de que a invasão da Rússia à Ucrânia, no último dia 24 de fevereiro, é um evento de importância histórica para as relações internacionais deste século, apesar de ainda estar em curso e não ter todos os seus desdobramentos evidentes no momento. A rivalidade entre os projetos de hegemonia de Vladimir Putin e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para o entorno geopolítico russo, após o desmantelamento da União Soviética, em 1991, vem se manifestando sucessivamente, desde o final dos anos 1990, por meio de conflitos e tensões em países variados nos Bálcãs, no Leste Europeu, no Cáucaso e na Ásia Central. O que reveste a atual crise ucraniana de singularidade é o fato de que o governo Putin assumiu uma posição de ataque preventivo, procurando vetar a possibilidade de um país vizinho aderir à OTAN antes mesmo de qualquer processo neste sentido ser oficialmente anunciado. Por sua vez, os países-membros da OTAN, liderados pelos Estados Unidos, foram colocados na posição delicada de defender, contra uma potência nuclear, um país que não é, oficialmente, integrante da organização, sob pena, em caso de inação, de ver sua expansão gradual na Eurásia interrompida.

A Ucrânia vivia uma situação conflagrada com a Rússia desde 2014. A destituição do então presidente Viktor Ianukovytych, após uma série de manifestações de rua, foi interpretada pelo governo Putin como uma orquestração de países da OTAN contra um de seus aliados e retaliada por meio da tomada da península da Crimeia. Desde então, foi repetidamente veiculada na imprensa a existência de conflitos de baixo perfil na fronteira entre Ucrânia e Rússia, especialmente nas províncias de Donetsk e Luhansk (região de Donbas), onde vivem comunidades de ascendência russa. No último dia 21 de fevereiro, Moscou reconheceu as duas províncias como repúblicas independentes e, três dias depois, deu início ao que chamou de “operação militar especial”, com o objetivo oficial de garantir a autonomia dos territórios

em relação ao governo central ucraniano, chefiado por Volodymyr Zelensky. No discurso à televisão russa em que anunciou o ataque, Putin afirmou que era hora de parar a política de expansão da OTAN dos últimos 30 anos, pois seus membros estariam aumentando repasses de armamentos à Ucrânia nos últimos meses, de forma a municiar milícias neonazistas e russofóbicas no leste, de modo semelhante ao que Hitler fazia na Segunda Guerra Mundial¹.

Por trás da ofensiva russa, há a sombra de um aliado de peso que soma gravidade à situação. Em 4 de fevereiro, Putin esteve em Pequim para a abertura da 24ª Olimpíada de Inverno e anunciou, ao lado do seu homólogo Xi Jinping, uma “amizade sem limites” entre Rússia e China. Em um longo documento oficial, os dois presidentes colocaram-se a favor de avançar uma grande parceria euroasiática, nos marcos de um sistema internacional multipolar com coexistência pacífica entre as grandes potências; criticaram tentativas, por forças externas, de minar a segurança e a estabilidade em suas regiões adjacentes; advogaram pelo fortalecimento da Organização pela Cooperação de Xangai (OCX) na Ásia; defenderam a criação de garantias de segurança de longo prazo legalmente vinculantes na Europa; e declararam, sem meias palavras, que a OTAN deve parar de se expandir:

As partes se opõem a maiores expansões da OTAN e chamam os países da Aliança do Atlântico Norte a abandonarem suas abordagens ideologizadas da Guerra Fria; a respeitarem a soberania, a segurança e os interesses de outros países, assim como a diversidade de seus passados civilizacionais, culturais e históricos; e a tomarem atitudes justas e objetivas em favor do desenvolvimento pacífico de outros Estados².

1. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/2/24/putins-speech-declaring-war-on-ukraine-translated-excerpts>. Acesso em 28/04/2022.

2. No original: “The sides oppose further enlargement of NATO and call on the North Atlantic Alliance to abandon its ideologized cold war approaches, to respect the sovereignty, security and interests of other countries, the diversity of their civilizational, cultural and historical backgrounds, and to exercise a fair and objective attitude towards the peaceful development of other States.” Disponível em: <http://en.kremlin.ru/supplement/5770>. Acesso em 29/04/2022.

A resposta de membros da OTAN ao desafio sino-russo vem sendo igualmente fora do comum. Anúncios de sanções econômicas (comerciais e financeiras) contra a Rússia (incluindo Putin, membros do Executivo e do Legislativo, empresas e bancos) vêm sendo feitos seguidamente, desde o final de fevereiro, por Estados Unidos, membros do G7 e União Europeia, o que constitui a maior série de punições deste tipo já aplicada a um país³. No que toca o setor de exportação de energia da Rússia, estratégico para sua economia, os Estados Unidos anunciaram, em 8 de março, um corte completo das suas compras de petróleo, gás e carvão⁴, ao passo que países europeus vêm avaliando a adoção de medidas similares, ainda que menos abrangentes e abruptas, dada a maior dependência em relação aos combustíveis russos, como exemplificado pelo anúncio da Alemanha, em 22 de fevereiro, de atrasar o início do funcionamento do gasoduto Nord Stream 2, que liga os dois países⁵.

No terreno militar, os Estados Unidos repassaram à Ucrânia, em pouco mais de dois meses, a cifra impressionante de US\$ 3,7 bilhões em auxílio direto, na forma de armamentos, munições, veículos, helicópteros, drones e kits médicos, além de autorizarem que 14 parceiros e aliados da OTAN lhe transfiram equipamentos bélicos de origem estadunidense⁶. Chama atenção, também, o anúncio feito pela Alemanha, em 26 de fevereiro, de enviar armamentos de fabricação nacional à Ucrânia e permitir repasses destes por países terceiros, em uma mudança da sua política tradicional de veto a exportações bélicas para zonas de conflito⁷. Finalmente, as primeiras-ministras de Suécia e Finlândia se reuniram, em 13 de abril, para avaliar a possibilidade de os dois países submeterem pedidos de adesão à OTAN, em

3. Disponível em: <https://crsreports.congress.gov/product/pdf/IN/IN11869>. Acesso em 02/05/2022.

4. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2022/03/08/fact-sheet-united-states-bans-imports-of-russian-oil-liquefied-natural-gas-and-coal/>. Acesso em 02/05/2022.

5. Disponível em: <https://www.reuters.com/business/energy/germanys-scholz-halts-nord-stream-2-certification-2022-02-22/>. Acesso em 02/05/2022.

6. Disponível em: <https://www.state.gov/u-s-security-cooperation-with-ukraine/>. Acesso em 02/05/2022.

7. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-60541752>. Acesso em 02/05/2022.

desafio à Rússia⁸.

Aliados tradicionais dos Estados Unidos de fora da OTAN também vêm se posicionando diante da guerra. Em 2 de maio, o ministro de relações exteriores de Israel classificou como antissemitismo os comentários do seu homólogo russo de que, tal como Zelensky, Hitler tinha sangue judeu e isto não o impediu de ser nazista. A resposta russa veio no dia seguinte, acusando Israel de apoiar um regime neonazista na Ucrânia⁹. Por sua vez, o Japão aderiu às sanções internacionais contra a Rússia, ao longo de abril, e foi retaliado por Moscou, em 4 de maio, por meio da proibição da entrada de seu primeiro-ministro e mais 62 pessoas em território russo¹⁰. Um veto similar foi imposto pela Rússia à Austrália, em 7 de abril¹¹.

A repercussão internacional da guerra manifesta-se, ainda, na cotação de preços de produtos importantes na pauta exportadora de Rússia e Ucrânia, como petróleo, gás, trigo e milho, que vêm subindo e pressionando as taxas de inflação ao redor do mundo, o que, por sua vez, tem levado autoridades monetárias a elevar as taxas de juros em diversos países¹². Além disso, na perspectiva humanitária, o número de militares e civis mortos já soma dezenas de milhares, enquanto o de refugiados ucranianos alcançou 5,3 milhões no fim de abril, segundo dados do ACNUR¹³, que classifica o êxodo em direção a países europeus vizinhos como o mais rápido a crescer desde a Segunda Guerra Mundial¹⁴.

Diante este cenário de tamanha

8. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2022/apr/25/sweden-and-finland-agree-to-submit-nato-applications>. Acesso em 02/05/2022.

9. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/05/russia-acusa-israel-de-apoiar-regime-neonazista-na-ucrania-e-amplia-desgaste.shtml>. Acesso em 03/05/2022.

10. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/05/04/russia-proibe-entrada-no-pais-do-primeiro-ministro-japones.htm>. Acesso em 03/05/2022.

11. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russia-bars-australian-leaders-lawmakers-entering-2022-04-07/>. Acesso em 03/05/2022.

12. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/com-guerra-entre-ucrania-e-russia-precos-do-petroleo-trigo-e-milho-disparam/>. Acesso em 03/05/2022.

13. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/92353>. Acesso em 03/05/2022.

14. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/documents/details/91719>. Acesso em 03/05/2022.



turbulência, interpretações de que o mundo está se encaminhando para uma Nova ou Segunda Guerra Fria vêm se tornando cada vez mais frequentes. Contudo, esta análise de conjuntura nos parece frágil. O fato de Rússia e China agirem em concertação para dissuadirem a presença de tropas da OTAN no seu entorno geopolítico não é suficiente, por ora, para caracterizar algo semelhante como a configuração internacional que prevaleceu entre 1945 e 1991. Para além de uma balança de poder bipolar, que contrapunha dois blocos mais ou menos coesos de países em disputa pela hegemonia internacional (e não apenas regional), a lógica clássica da Guerra Fria (um tanto diferente a partir dos anos 1970, com o distanciamento sino-soviético) impunha que aqueles dois blocos fossem compostos por *like-minded countries*, isto é, países que tivessem uma concordância mínima sobre os regimes políticos e econômicos a serem disseminados pelo mundo. Neste sentido, apostar que o atual cenário internacional tende a ser dominado por uma disputa entre, de um lado, autocracias que regulam o mercado capitalista e, de outro, democracias liberais que privilegiam o livre-mercado implica forçar uma dicotomia que minimiza os conflitos domésticos entre estes conjuntos de componentes que integram as democracias liberais hoje.

Para citar dois exemplos emblemáticos, nem Estados Unidos, nem França transmitem uma certeza de solidez democrática atualmente. No primeiro caso, após uma transição de governo conturbada entre Donald Trump e Joe Biden, em 2021, com cenas nunca antes vistas de um ataque popular ao Congresso incitado pela liderança republicana, ainda não há indícios fortes de que a polarização da sociedade tenha arrefecido. Por sua vez, a França acaba de passar por uma eleição presidencial, que reelegeu Emmanuel Macron, mas que consolidou Marine Le Pen como a segunda liderança mais popular do país, tendo recebido mais votos do que na eleição anterior de 2017. Em ambos os casos, o conflito entre projetos de direita liberal e extrema-direita mostra-se agudo, com repercussões diretas para o posicionamento de Estados Unidos e França na balança de poder internacional, pois, em matéria de política externa, Biden e Macron mostram-se mais favoráveis à

OTAN, à integração da União Europeia e ao isolamento da Rússia do que Trump e Le Pen.

Outros argumentos poderiam ser somados para contradizer a interpretação de uma Segunda Guerra Fria, como o grande peso que Estados Unidos e China têm mutuamente para suas economias (ao contrário do que existia entre Estados Unidos e União Soviética), ou a responsabilidade que ambos têm na busca conjunta de soluções para a crise climática mundial por serem os maiores poluidores hoje (uma agenda que apenas ganhou força após a Guerra Fria, a partir da Rio-92). Elementos como estes dificultam distanciamentos radicais entre Washington e Pequim. Entretanto, para além de considerações sobre as disputas entre grandes potências, nos parece que a aposta em uma Segunda Guerra Fria tende, sobretudo, a marginalizar as implicações que a normatização de uma ordem deste tipo tem para países em desenvolvimento e a negar a capacidade de agência que estes podem ter no tabuleiro internacional, especialmente as potências médias.

A países em desenvolvimento, é mais vantajoso abrir oportunidades de negócio no mundo do que reduzi-las. Ainda que ideologias políticas de um governo de ocasião possam dispor maior boa vontade em certa direção, dificilmente o sectarismo traz benefícios maiores do que a diversificação, já que esta segunda estratégia permite contornar momentos de instabilidade econômica de um parceiro importante com mais facilidade. A lógica de *like-minded countries*, ao contrário, constrange um país a optar por negociar com apenas um polo de países, fechando uma via importante de comércio e investimento e tornando a si mesmo mais dependente da via escolhida.

Além disso, países em desenvolvimento precisam superar seu passado colonial, de modo a não serem vulneráveis a ingerências externas para trocas de governo ou imposições de políticas econômicas. A demarcação de zonas de influência entre as grandes potências, na Guerra Fria, dificultou esta autonomia no século XX. A busca por projetos de integração regional que aproximem vizinhos e os fortaleçam em matéria de economia e defesa, diante de grandes potências, é uma alternativa de ação coletiva que possibilita dificultar ações unilaterais de países externos

e aumentar o poder de barganha dos seus membros, sobretudo quando uma potência média se dispõe a ser *paymaster* e a dar incentivos para que governos com orientações ideológicas distintas encontrem espaços de cooperação.

Tanto quanto a bipolaridade, a multipolaridade do sistema internacional é uma construção que depende de agência, em vez de ser um dado da natureza determinado a acontecer em consequência da guerra na Ucrânia ou de alguma força estrutural por si só. A oposição que Rússia e China deflagraram aos interesses da OTAN, neste momento, não precisa necessariamente levar a alinhamentos automáticos por países externos a uma ou outra aliança militar, como se o destino do sistema internacional fosse reproduzir a lógica de metrópoles e colônias *ad eternum*.

A guerra na Ucrânia é o primeiro conflito de grande dimensão depois do final da Guerra Fria e, em certo sentido, sugere o início talvez de uma ordem mais multilateral, em que as alianças passam a ser mais condicionais, uma vez que a dimensão econômica, por via da globalização do capitalismo, se descola da dimensão política, por assim dizer. Hoje governos podem ter tendências liberais na economia e autoritárias na política; ou estatistas no primeiro caso e liberais no segundo; ou tão-somente liberais; ou tão-somente estatistas. É este descolamento de valores “integralmente liberais” ou “integralmente dirigistas”, ausente na Guerra Fria, que permite que países situados em áreas não-estratégicas possam manter uma posição neutralista face ao conflito, como veremos neste Boletim. Tal descolamento ocorre também entre os poderes de áreas estratégicas no momento que as antigas potências socialistas se convertem em economias capitalistas dirigidas pelo Estado e as democracias liberais agregam elementos não-liberais à sua prática política, tal como exemplificado pelo crescimento da extrema-direita na Europa e em nossa região também. Esta simbiose gera alianças espúrias entre democracias “liberais” e autocracias “socialistas”.

Que tipo de ordem está se formando ainda é difícil dizer, mas a atual conjuntura sugere novos elementos que não se encaixam perfeitamente nas ordens passadas, seja a da

bipolaridade da Guerra Fria, a vitória liberal do “fim da história” e o momento unipolar do fim da Guerra Fria. A guerra da Ucrânia pode acelerar este processo. Analogias com o passado evocam apenas os elementos semelhantes e, portanto, se mostram falsas no decorrer do tempo. Acreditamos ser difícil sustentar no presente o retorno do embate estratégico, político e filosófico entre socialismo e capitalismo que embasou as dimensões estratégicas, políticas e ideacionais subjacentes à Guerra Fria.

Nesta edição do Boletim, apresentamos um único artigo, escrito por todos os pesquisadores do grupo, que descreve a posição que cada país sul-americano assumiu diante da invasão russa, entre seu início, em 24 de fevereiro, até o fim de abril. O texto evidencia algumas variações entre os governos, mas, com exceção de Colômbia, Brasil e Venezuela, revela uma tendência majoritária de condenação à ingerência de uma grande potência sobre um país menor, sem que isto implique adesão à política de sanções econômicas pensadas no contexto do Norte. A defesa do direito internacional e da negociação multilateral prevalece, no lugar de uma resposta militar. Infelizmente, a posição de neutralidade declarada pelo presidente Bolsonaro – com o objetivo essencialmente eleitoral de não desagradar a parte de sua base de extrema-direita simpática a Putin (e Trump) –, somada ao descaso prevalecente da sua agenda externa para a América do Sul, retira do Brasil a capacidade de articular uma cooperação regional para enfrentar os prejuízos econômicos que a vizinhança já está sentindo em razão da ação russa. Assim, após os anos difíceis de 2020 e 2021, em decorrência da pandemia de Covid-19, o ano de 2022 também se inicia duramente para os sul-americanos. Porém, ao menos, guarda a esperança de que venham tempos melhores após as eleições presidenciais na Colômbia, entre maio e junho, e no Brasil, em outubro.

Rio de Janeiro, maio de 2022

Maria Regina Soares de Lima
Coordenadora do OPSA

Diogo Ives
Coordenador-adjunto do OPSA



As posições da América do Sul na guerra da Ucrânia

Marianna Albuquerque, Thaís Batista,
Marília Closs, Diogo Ives, Pedro Lange, André
Leão, Andrés Londoño, Jefferson Nascimento,
Ghaio Nicodemos, Guilherme Queiroz, Marllon
Rocha, Leandro Wolpert, Giovana Zucatto
Pesquisadores OPSA

Introdução

Em 24 de fevereiro, tropas russas adentraram o território da Ucrânia, em violação da autonomia do país, ex-república soviética. O ataque, entretanto, já figurava como possibilidade tanto nas análises, quanto nos debates das organizações internacionais desde 2014, quando a Rússia invadiu e questionou a integridade territorial da Ucrânia ao tentar anexar a região da Crimeia. A ação russa foi justificada, sobretudo, como uma contra-medida aos avanços da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), cujos objetivos de expansão intencionavam a adesão de países como a própria Ucrânia e a Finlândia.

Ao lado de outros argumentos étnicos e culturais, figuram ainda questões geopolíticas, como a localização estratégica do território ucraniano, os recursos energéticos e a rota de conexão entre Europa e Ásia. Herança da Guerra Fria, a disputa por áreas de influência entre a Rússia e as potências ocidentais foi amplificada por novos componentes como a ascensão de potências asiáticas como a China e a Índia, e as estratégias de expansão de mercados consumidores em um cenário de transição energética.

A reação da comunidade internacional foi imediata, seja por meio de organizações internacionais, seja por meio de manifestações oficiais de governos e de atores políticos. A América do Sul não foi uma exceção. Mesmo que distante do cenário do conflito, a região é diretamente impactada, seja por ser parte da cadeia de suprimentos do comércio global originado na região euroasiática, seja pela postura de continente pacífico, avesso historicamente a conflitos armados e defensor da solução pacífica de controvérsias.

Variaram, entretanto, os posicionamentos. O objetivo deste artigo é, portanto, mapear, descrever e comparar como os países da região e as organizações regionais

(Mercosul e Organização dos Estados Americanos – OEA) reagiram à invasão da Ucrânia, sobretudo com base na posição oficial de cada governo e no apoio dado às sanções econômicas extrarregionais adotadas contra a Rússia e às votações de suspensão do país de organismos multilaterais, nomeadamente o Conselho de Direitos Humanos da ONU e a OEA (onde a Rússia tinha status de membro observador). Nas considerações finais, apresentamos um quadro comparativo.

Organizações Regionais

Desde que a invasão russa na Ucrânia foi desencadeada, em 24 de fevereiro, as posições assumidas pelas duas principais organizações regionais que envolvem países sul-americanos – a OEA e o Mercosul – refletiram, principalmente, consternação diante das consequências sociais, políticas e econômicas da permanência do conflito ao longo dos meses de março e abril de 2022. Após dois meses de guerra, há um saldo de milhares de ucranianos mortos¹⁵ e mais de 10 milhões de pessoas que fugiram de suas casas, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU)¹⁶.

Uma primeira manifestação da OEA (na qual Rússia e Ucrânia são membros observadores) ocorreu em 25 de fevereiro, por meio de uma declaração que condenava a invasão russa. O documento recebeu o voto de aprovação de 21 países, sendo a Venezuela representada por uma delegação designada por Juan Guaidó, que disputa a legitimidade presidencial contra Nicolás Maduro. Por outro lado, a declaração não recebeu o apoio de Argentina, Bolívia, Brasil e Nicarágua, que se abstiveram¹⁷.

Um mês depois, em 25 de março, a OEA colocou em votação uma resolução com o título de “The Crisis in Ukraine” (OAS, 15. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/em-bucha-zelensky-aponta-genocidio-diz-que-crimes-de-guerra-dificultam-negociacoes-entre-ucrania-russia-1-25461821>. Acesso em: 05/04/2022.

16. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/mais-de-10-milhoes-de-ucranianos-fugiram-de-casa-desde-o-inicio-da-guerra-diz-onu/>. Acesso em: 05/04/2022.

17. Disponível em: <https://www.france24.com/es/minuto-a-minuto/20220226-argentina-y-brasil-no-apoyan-en-la-oea-la-condena-a-la-invasi%C3%B3n-rusa-de-ucrania>. Acesso em 27/04/2022.

CP/RES. 1192/22), convocando o cessar de atos que poderiam constituir crimes de guerra na Ucrânia¹⁸. O documento foi aprovado com 28 votos favoráveis dos 34 membros ativos, nenhum voto contrário e 5 abstenções por parte do Brasil, Bolívia, El Salvador, Honduras e São Vicente e Granadinas¹⁹. A Nicarágua estava ausente do Conselho Permanente, e seu Embaixador, Arturo McFields, foi demitido do posto após mencionar as violações de direitos humanos perpetradas pelo governo nicaraguense de Daniel Ortega. Alguns dos países que se abstiveram, e até mesmo os que votaram a favor da resolução, como Argentina e México, pontuaram que a organização não representa o corpo institucional ideal responsável para lidar com a invasão russa à Ucrânia. Por sua vez, o secretário-geral da OEA, Luis Almagro, fez questão de enfatizar que a paz na Europa e no mundo nunca podem ser consideradas questões estrangeiras, isto é, alheias à atuação da organização. Finalmente, a resolução aprovada foi bem acolhida pelo governo ucraniano, que salientou, por meio de seu Embaixador Oksana Markarova, a necessidade da discussão no escopo da OEA sobre o status de observador permanente da Rússia.

Em 21 de abril, o Conselho Permanente da organização pôs em votação um projeto de resolução que visava à suspensão do status russo²⁰. Nesse sentido, em documento intitulado “The Situation in Ukraine”, 25 países reafirmaram a necessidade de defender os princípios de justiça e solidariedade presentes na organização e votaram pela suspensão. Mencionaram, ainda, a necessidade de os países-membros condenarem de maneira enfática a invasão russa principalmente no que diz respeito à garantia da soberania e da independência política da Ucrânia. Argentina, Bolívia, Brasil, México e mais quatro países se abstiveram²¹.

18. Disponível em: https://www.oas.org/en/council/CP/documentation/res_decs/. Acesso em: 20/04/2022.

19. Disponível em: https://www.oas.org/en/council/CP/documentation/Voting_records/. Acesso em: 20/04/2022.

20. Disponível em: https://www.oas.org/en/media-center/press_release.asp?sCodigo=AVI-068/22. Acesso em: 20/04/2022.

21. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2022/04/21/argentina-se-abstuvo-en-la-votacion-de-la-oea-que-suspensiono-a-rusia-como-observador-por-la->

No Mercosul, por outro lado, as preocupações mais prementes dizem respeito às sanções econômicas contra a Rússia que estão sendo decretadas por países do Norte. Em entrevista ao jornal O Globo, Ignacio Ybañez, embaixador da União Europeia no Brasil, afirmou que, embora o bloco europeu reconheça que a linha da diplomacia brasileira contra a implementação de sanções econômicas seja histórica, ela poderia ser revista neste momento de crise. Em sua visão, as sanções refletiriam o único caminho para evitar uma nova guerra mundial²².

No dia 25 de fevereiro, por iniciativa da Argentina e do Paraguai, o governo de Mario Abdo Benítez, que está à frente da Presidência pro tempore do Mercosul, tentou promover a assinatura de um comunicado conjunto dos quatro países, condenando a “aberta violação dos princípios e normas do Direito Internacional” por parte da Rússia. O Brasil, no entanto, não julgou necessário a manifestação conjunta por parte do bloco, uma vez que cada país estaria manifestando suas insatisfações individualmente. O Ministro da Economia do Brasil, Paulo Guedes, afirmou que o país se opõe às sanções econômicas e também à expulsão da Rússia do Fundo Monetário Internacional (FMI)²³. A divergência de posições tende a dificultar ainda mais a implementação do Acordo União Europeia-Mercosul, que hoje conta com a oposição explícita do presidente francês Emmanuel Macron, reeleito para mais cinco anos de mandato, em 24 de abril.

Argentina

No início de fevereiro, quando a crise na Ucrânia escalava, o presidente argentino, Alberto Fernandez, realizou uma visita oficial à Rússia, momento em que procurou reforçar os laços entre os dois países e afirmou que a Argentina seria a “porta de entrada” da Rússia na América Latina²⁴. Assim que a

[invasion-a-ucrania/](https://www.infobae.com/politica/2022/04/21/argentina-se-abstuvo-en-la-votacion-de-la-oea-que-suspensiono-a-rusia-como-observador-por-la-). Acesso em 23 abril 2022.

22. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/embaixador-da-ue-defende-adesao-do-brasil-sancoes-contra-russia-essa-nao-so-uma-guerra-europeia-25463711>. Acesso em: 05/04/2022.

23. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sem-brasil-paraguai-retira-comunicado-dos-presidentes-do-mercosul-condenando-russia-25410712>. Acesso em: 05/04/2022.

24. Disponível em: <https://www.france24.com/es/>



invasão russa teve início, em 24 de fevereiro, umas das primeiras declarações do governo argentino veio da vice-presidenta, Cristina Kirchner. Em uma publicação no Twitter, ela lembrou que, em 2014, diante da tomada da Crimeia pela Rússia, o seu governo apoiou a Ucrânia na ONU com base no princípio da integridade territorial, comparou a situação de disputa no Leste Europeu com o impasse de soberania sobre as Ilhas Malvinas e denunciou o anacronismo das organizações internacionais para lidar com situações como essas²⁵. No entanto, a vice-presidenta não condenou explicitamente a atual ação russa.

Nas organizações internacionais, a Argentina não assinou a declaração da OEA condenando a agressão à Ucrânia, em 25 de fevereiro²⁶. Por sua vez, no dia 28 de fevereiro, o chanceler argentino Santiago Cafiero, defendeu, no Conselho de Direitos Humanos da ONU, que todas as guerras “preventivas” são ilícitas e por isso, condenáveis. Assim, condenou a invasão do território ucraniano e instou que a Rússia cessasse imediatamente o uso da força²⁷. Foi a primeira vez que uma autoridade argentina se referiu às ações russas formalmente como uma invasão. Em seguida, no dia 1º de março, a representação argentina discursou na Assembleia Geral da ONU, pedindo que todas as partes envolvidas se comprometessem em desescalar o conflito, reforçando a condenação da invasão russa e a ilegalidade de anexações territoriais com base na força²⁸.

Em abril, a posição da política externa argentina parecia pender para um distanciamento em relação aos russos quando

o país votou favoravelmente à suspensão da Rússia do Conselho de Direitos Humanos da ONU²⁹. No entanto, alguns dias depois, o presidente Alberto Fernández se posicionou contra a exclusão da Rússia do G-20, ao não compactuar com o total isolamento do país dos fóruns internacionais³⁰. Finalmente, em 21 de abril, a Argentina se absteve da votação que suspendeu o status de membro observador da Rússia na OEA³¹. De forma geral, o posicionamento argentino sobre a guerra na Ucrânia tem sido de condenar as violações à soberania e integridade territorial, apelando para o direito internacional e a diplomacia para solução da crise, ao mesmo tempo que não compactua com o total isolamento da Rússia e sua exclusão dos organismos internacionais.

Bolívia

Rússia é um dos aliados internacionais mais importantes para a Bolívia. Suas relações são de grande importância econômica para o país sul-americano, principalmente pelos investimentos russos nos setores de gás, petróleo, lítio e energia nuclear. Além disso, a política de imunização contra a Covid-19 na Bolívia contou amplamente com a utilização da vacina russa Sputnik, o que estreitou os laços entre os dois países.

Quando ocorreu a invasão russa à Ucrânia, no dia 24 de fevereiro, a chancelaria da Bolívia, em nota, manifestou sua preocupação com a situação na Ucrânia, lamentou que a falta de diálogo tenha provocado uma escalada do conflito e fez um chamado pela paz³². Ainda em fevereiro, a representação boliviana na OEA não assinou a declaração da organização que condenou o evento³³. Posteriormente, absteve-se nas

[am%C3%A9rica-latina/20220203-alberto-fernandez-argentina-rusia-putin](https://www.infobae.com/politica/2022/04/10/guerra-en-ucrania-alberto-fernandez-rechazo-la-expulsion-de-rusia-del-g20-y-en-fria-su-relacion-geopolitica-con-biden/). Acesso em 20/04/2022

25. Disponível em: <https://twitter.com/CFKArgentina/status/1498040486317084673>. Acesso em 20/04/2022

26. Disponível em: <https://www.france24.com/es/minuto-a-minuto/20220226-argentina-y-brasil-no-apoyan-en-la-oea-la-condena-a-la-invasi%C3%B3n-rusa-de-ucrania>. Acesso em 21/04/2022

27. Disponível em: <https://cancilleria.gob.bo/webmre/comunicado/4837>. Acesso em: 20/04/2022. Disponível em: <https://www.swissinfo.ch/spa/ucrania-guerra-el-gobierno-argentino-condena-por-primera-vez-la-invasi%C3%B3n-rusa-de-ucrania/47388858>. Acesso em 20/04/2022

28. Disponível em: <https://cancilleria.gob.ar/es/actualidad/noticias/intervencion-de-la-representante-permanente-de-la-republica-argentina-ante>. Acesso em 23/04/2022

29. Disponível em: <https://www.cronista.com/economia-politica/el-gobierno-apoya-la-salida-de-rusia-del-consejo-de-derechos-humanos/>. Acesso em 23/04/2022

30. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2022/04/10/guerra-en-ucrania-alberto-fernandez-rechazo-la-expulsion-de-rusia-del-g20-y-en-fria-su-relacion-geopolitica-con-biden/>. Acesso em 23/04/2022

31. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2022/04/21/argentina-se-abstuvo-en-la-votacion-de-la-oea-que-suspendio-a-rusia-como-observador-por-la-invasion-a-ucrania/>. Acesso em 23/04/2022.

32. Disponível em: <https://cancilleria.gob.bo/webmre/comunicado/4837>. Acesso em: 23/04/2022.

33. Disponível em: <https://www.noticiasfides.com/na>

votações da OEA que condenaram a Rússia e suspenderam seu direito a membro observador. Por sua vez, na Assembleia Geral da ONU, a representação se absteve na votação da resolução que condenou a invasão russa, sendo a Bolívia o único país sul-americano a fazê-lo³⁴. No entanto, Diego Pary, embaixador boliviano na ONU, afirmou em discurso que a Bolívia rechaça invasões e ações unilaterais – como as ocorridas no Afeganistão, na Líbia, na Síria, na Palestina e, atualmente, na Ucrânia³⁵. Em abril, na votação que expulsou a Rússia do Conselho de Direitos Humanos da ONU, a representação boliviana votou contrariamente³⁶.

Entretanto, parece haver algumas discordâncias de tom entre o governo de Luis Arce e seu partido, o Movimento ao Socialismo (MAS). Além da nota, mencionada acima, relativamente neutra da chancelaria, Freddy Mamani, vice-ministro de Relações Exteriores, declarou, a respeito do conflito, que a Bolívia é um país pacifista em todos os cenários multilaterais e que sua principal posição era em favor da promoção do diálogo. O mesmo não foi feito por Evo Morales, ex-presidente e figura com grande importância dentro do MAS. Evo, entre outros parlamentares do MAS, foram enfáticos em destacar a culpa do intervencionismo da OTAN e dos Estados Unidos para a eclosão do conflito³⁷. Além disso, frente ao posicionamento da OEA, Morales disse que a organização é manipulada por Luis Almagro e que se cala frente a ingerências externas e golpes patrocinados pelos Estados Unidos³⁸.

[cional/politica/oea-condena-invasion-de-rusia-a-ucrania-bolivia-no-frma-declaracion-414012](https://www.opinion.com.bo/articulo/politica/oea-condena-invasion-de-rusia-a-ucrania-bolivia-no-frma-declaracion-414012). Acesso em: 23/04/2022.

34. Disponível em: <https://elpais.com/internacional/2022-03-03/venezuela-cuba-bolivia-nicaragua-y-el-salvador-exhiben-su-alianza-con-rusia-en-la-onu.html>. Acesso em: 23/04/2022.

35. Disponível em: <https://www.opinion.com.bo/articulo/guerra-en-ucrania/gobierno-mas-to-man-caminos-diferentes-relacion-invasion-rusa/20220302124132857221.html>. Acesso em: 23/04/2022.

36. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2022/04/1506852>. Acesso em: abril de 2021.

37. Disponível em: <https://www.opinion.com.bo/articulo/guerra-en-ucrania/gobierno-mas-to-man-caminos-diferentes-relacion-invasion-rusa/20220302124132857221.html>. Acesso em: 23/04/2022.

38. Disponível em: <https://twitter.com/evoespueblo/status/1517468579981058048>. Acesso em: 23/04/2022.

Brasil

A posição brasileira em relação à guerra da Ucrânia tem apresentado certa ambiguidade. Por um lado, o Brasil tendeu a endossar as resoluções formuladas na ONU e em seus diferentes órgãos (como Assembleia Geral, Conselho de Segurança e Conselho de Direitos Humanos) que condenaram a invasão militar do território ucraniano pela Rússia³⁹. Durante a votação no CSNU realizada em 25 de fevereiro, por exemplo, o embaixador brasileiro, Ronaldo Costa Filho, chegou a classificar a invasão russa como “um ato de agressão” e afirmou que “um limite” tinha sido “ultrapassado”, de modo que “este Conselho não pode permanecer em silêncio. [...] Nenhum país, eleito ou não eleito, com ou sem poder de veto, deveria poder usar a força contra a integridade territorial de outro estado, sem que haja reação do Conselho”⁴⁰. No dia seguinte à votação, o governo brasileiro decidiu suspender uma visita do primeiro-ministro da Rússia, Mikhail Mishustin, ao Rio de Janeiro, prevista para acontecer no mês de abril, visando com isso afastar eventuais acusações de alinhamento a Moscou⁴¹.

Os votos favoráveis a essas resoluções, contudo, foram acompanhados por

39. Disponível em: 1) https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-e-explicacao-de-voto-do-representante-permanente-embaixador-ronaldo-costa-filho-em-reuniao-do-conselho-de-seguranca-sobre-a-situacao-na-ucrania-25-de-fevereiro-de-2022-texto-em-ingles; 2) https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-e-explicacao-de-voto-do-representante-permanente-embaixador-ronaldo-costa-filho-em-reuniao-do-conselho-de-seguranca-sobre-a-situacao-na-ucrania-25-de-fevereiro-de-2022-texto-em-ingles; 3) https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/explicacao-de-voto-do-chefe-da-delegacao-permanente-do-brasil-em-genebra-embaixador-tovar-da-silva-nunes-por-ocasio-do-201cdebate-urgente-sobre-a-situacao-dos-direitos-humanos-na-ucrania-decorrente-da-agressao-russa-durante-a-49a-sessao-do-conselho-de. Acesso em: 05/04/2022.

40. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/declaracao-e-explicacao-de-voto-do-representante-permanente-embaixador-ronaldo-costa-filho-em-reuniao-do-conselho-de-seguranca-sobre-a-situacao-na-ucrania-25-de-fevereiro-de-2022-texto-em-ingles. Acesso em: 05/04/2022.

41. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/governo-suspende-visita-ao-brasil-de-primeiro-ministro-russo-por-crise-na-ucrania.shtml>. Acesso em: 05/04/2022.



justificativas repletas de ressalvas e até mesmo de críticas às iniciativas tomadas pelo Ocidente, sob liderança estadunidense, para solucionar o conflito. Em março, na discussão travada durante a 11ª Sessão Especial da Assembleia Geral da ONU, a diplomacia brasileira argumentou que a resolução contra a Rússia aprovada no encontro não ia “longe o suficiente em ressaltar que o fim das hostilidades é só um primeiro passo para atingir a paz” e que esta “requer mais do que silenciar as armas e retirar as tropas. Requer trabalho amplo sobre as preocupações de segurança das partes”, em referência implícita às razões de segurança apresentadas pela Rússia para justificar a invasão da Ucrânia. Advogava, ademais, que “a resolução não pode ser vista como permissiva em relação à aplicação indiscriminada de sanções e ao envio de armas”, medidas essas que “não são condizentes com a retomada do diálogo diplomático construtivo” e “geram risco de maior escalada das tensões, com consequências imprevisíveis”⁴². Além disso, em abril, o Brasil adotou voto de abstenção na resolução da Assembleia Geral que suspendeu a Rússia do Conselho de Direitos Humanos, motivado, segundo o embaixador Costa Filho, por ser esta uma medida prematura⁴³.

Quando o assunto foi discutido na OEA, em 25 de março, o Brasil preferiu se abster na votação de uma resolução que condenava os ataques russos. Na justificativa do voto, o embaixador brasileiro Otávio Brandelli justificou a não-adesão do país ao documento alegando que a localização do conflito ultrapassava a jurisdição da organização hemisférica e que a posição brasileira sobre o conflito já havia sido expressa no CSNU⁴⁴.

42. Disponível em: https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/explicacao-de-voto-do-representante-permanente-do-brasil-junto-as-nacoes-unidas-embaixador-ronaldo-costa-filho-por-ocasio-da-11a-sessao-especial-de-emergencia-da-assembleia-geral-da-onu-sobre-a-situacao-na-ucrania-2-de-marco-de-2022-texto-em-ingles. Acesso em: 05/04/2022.

43. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/04/07/russia-suspensa-do-conselho-de-direitos-humanos-da-onu-entenda-os-motivos-e-as-consequencias.ghtml>. Acesso em 28/04/2022.

44. LATITUDE SUL. Brasil, Argentina e Bolívia se abstêm de resolução da OEA sobre a Ucrânia. In: Conjuntura Latitude Sul, v. 6, n. 1/2, jan-fev, 2022. Disponível em: <http://latsul.org/wp-content/uploads/2016/06/Con->

Em 21 de abril, o país voltou a se abster na votação que suspendeu o status de membro observador da Rússia na OEA⁴⁵.

Segundo o presidente Jair Bolsonaro, o Brasil deve adotar uma postura de neutralidade diante do conflito, sobretudo em virtude dos interesses econômicos nacionais⁴⁶. Essa posição tem sido influenciada, em grande medida, pelo setor do agronegócio brasileiro, extremamente dependente da importação de fertilizantes provenientes da Rússia: em 2021, 22% do total desses insumos comprados pelo mercado brasileiro vieram daquele país⁴⁷. Antes mesmo de a guerra eclodir, Bolsonaro vinha tentando manter relações amistosas com Moscou, ao não ceder à pressão estadunidense para que cancelasse viagem agendada para a Rússia, quando entabularia conversações com Putin. Na ocasião da visita, em 16 de fevereiro, o mandatário brasileiro afirmou ser solidário à Rússia e que Putin era um defensor da paz. Apesar de negar que sua declaração tenha significado o apoio brasileiro ao lado russo, o gesto não foi bem recebido pelas autoridades estadunidenses⁴⁸.

Na contramão de Bolsonaro, o vice-presidente Hamilton Mourão advogou pelo uso da força na defesa da Ucrânia e comparou a ação de Putin à de Hitler na Alemanha nos anos 1930, gerando desconforto entre diplomatas russos e a repreensão do próprio chefe de Estado brasileiro. Ademais, Mourão garantiu que o Brasil não vai reconhecer a autonomia de Donetsk e Lugansk, províncias rebeldes da Ucrânia insufladas por Moscou⁴⁹. Entre

[junturaLATSUL JaneiroFevereiro2021.pdf](https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/bolsonaro-diz-que-falou-por-2-horas-com-putin-e-depois-se-desdiz.shtml). Acesso em: 05/04/2022.

45. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2022/04/21/argentina-se-abstiu-en-la-votacion-de-la-oea-que-suspendio-a-rusia-como-observador-por-la-invasion-a-ucrania/>. Acesso em 23/04/2022.

46. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/bolsonaro-diz-que-falou-por-2-horas-com-putin-e-depois-se-desdiz.shtml>. Acesso em: 05/04/2022.

47. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/planalto-e-agro-determinam-acenos-a-russia-em-manifestacoes-sobre-guerra-na-ucrania.shtml>. Acesso em: 05/04/2022.

48. Disponível em: 1) <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/bolsonaro-diz-que-missao-a-russia-nao-foi-para-tomar-partido-de-ninguem.shtml>; 2) <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/02/itamaraty-diz-lamentar-critica-da-casa-branca-a-solidariedade-de-bolsonaro-a-russia.shtml>. Acesso em: 05/04/2022.

49. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>



Bolsonaro e Mourão, situa-se o Itamaraty, que, baseado nos princípios da diplomacia brasileira relacionados à solução pacífica de controvérsias, preservação da soberania e integridade territorial das nações, busca articular uma posição de equilíbrio entre a condenação à invasão militar da Ucrânia e a preservação das relações diplomáticas com a Rússia.

Chile

A invasão da Rússia à Ucrânia, em 24 de fevereiro, ocorreu quando o Chile ainda era presidido por Sebastián Piñera, cujo governo terminou em 11 de março, dando lugar à atual administração de Gabriel Boric. No mesmo dia da invasão, Piñera se pronunciou no Twitter condenando a agressão russa por violar a soberania ucraniana, o direito internacional, a paz e a segurança internacional⁵⁰. O então presidente chileno instou a Rússia a respeitar as Convenções de Genebra sobre direito internacional humanitário e anunciou a disposição do Chile em colaborar para a busca de uma solução pacífica, nos marcos do direito internacional e da Carta da ONU⁵¹.

Por sua vez, o Ministério das Relações Exteriores chileno já havia se pronunciado, também no Twitter, na véspera da invasão, quando o governo da Ucrânia havia declarado estado de emergência ante a invasão iminente. O órgão pediu para a Rússia respeitar os Acordos de Minsk de 2015, que tratam das regiões de Donetsk e Luhansk e que foram reconhecidos pelo Conselho de Segurança da ONU naquele ano⁵². Em seguida, no dia da invasão, o Ministério emitiu um comunicado à imprensa em que reiterava as palavras de Piñera, acrescentava um pedido para a Rússia retirar seus soldados da Ucrânia e informava que estava monitorando a situação dos chilenos residentes na zona de conflito⁵³.

Ainda no mesmo dia, em comunicado mundo/2022/02/brasil-nao-vai-reconhecer-provincias-rebeldes-da-ucrania-diz-mourao.shtml. Acesso em: 05/04/2022.

50. Disponível em: <https://twitter.com/sebastianpinera/status/1496851863446110213>. Acesso em 19/04/2022.

51. Disponível em: <https://twitter.com/sebastianpinera/status/1496851864918310915>. Acesso em 19/04/2022.

52. Disponível em: https://twitter.com/Minrel_Chile/status/1496615911469596684. Acesso em 19/04/2022.

53. Disponível em: <https://minrel.gob.cl/noticias-antiores/chile-condena-agresion-a-ucrania>. Acesso em 19/04/2022.

posterior, o Ministério pediu para os chilenos residentes deixarem a Ucrânia e irem para a Polônia, no que ajudaria emitindo passaportes emergenciais para quem necessitasse⁵⁴. Complementarmente, em 26 de fevereiro, as embaixadas do Chile e da Colômbia na Polônia anunciaram a criação de dois centros para acolher conjuntamente seus nacionais na fronteira com a Ucrânia, disponibilizando documentos, transporte e alojamento temporário⁵⁵. Finalmente, o último ato da gestão Piñera relacionado à guerra foi a emissão de um voto condenatório à invasão russa na Assembleia Geral da ONU, em 2 de março⁵⁶.

A troca de presidentes não alterou a posição chilena, que seguiu marcada pela condenação à Rússia com base em leis e documentos internacionais. Em 14 de março, três dias após tomar posse, em uma coletiva a veículos da imprensa internacional, Boric classificou o conflito na Ucrânia como uma guerra de agressão que viola e faz retroceder padrões de direito internacional⁵⁷. Também afirmou que o Chile seguiria trabalhando pelo fomento ao diálogo, oferecendo ajuda no que fosse possível ao representante da Ucrânia no país e emitindo votos de sanção à Rússia em organismos internacionais⁵⁸. Sobre este último aspecto, o governo chileno votou a favor da resolução da OEA, em 25 de março, que pediu o fim das hostilidades e a retirada das tropas russas da Ucrânia⁵⁹; da resolução, também na OEA, em 21 de abril, que retirou o status de observadora da Rússia⁶⁰; e da

54. Disponível em: <https://chile.gob.cl/polonia/noticias-boletin-informacion-24-02-2022-a-las-20-00>. Acesso em 19/04/2022.

55. Disponível em: <https://twitter.com/Chile-ONU/status/1499079365560254467>. Acesso em 19/04/2022.

56. Disponível em: <https://minrel.gob.cl/noticias-antiores/embajadas-de-chile-y-colombia-colaboran-para-establecer-centros-de>. Acesso em 19/04/2022.

57. Disponível em: <https://www.lanacion.cl/boric-confirmando-que-su-primer-viaje-internacional-lo-realizara-a-argentina/>. Acesso em 19/04/2022.

58. Disponível em: <https://www.efe.com/efe/america/portada/es-necesario-que-latinoamerica-vuelva-a-tener-voz-en-el-mundo-dice-boric/20000064-4760853>. Acesso em 19/04/2022.

59. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/03/25/oea-aprova-resolucao-sobre-ucrania-e-kiiev-pede-suspensao-da-russia.htm>. Acesso em 19/04/2022.

60. Disponível em: <https://www.infobae.com/politica/2022/04/21/argentina-se-abstuvo-en-la-votacion-de>



resolução da Assembleia Geral da ONU, em 7 de abril, que suspendeu a Rússia do Conselho de Direitos Humanos da organização⁶¹. Finalmente, em 3 de abril, o Ministério das Relações Exteriores manifestou consternação diante da divulgação de imagens de cadáveres de civis nas ruas da cidade ucraniana de Bucha, pediu uma investigação independente para apurar as responsabilidades e reiterou o compromisso do Chile com o respeito ao direito internacional humanitário e os direitos humanos⁶².

Colômbia

Desde o início da invasão russa à Ucrânia, o presidente da Colômbia, Iván Duque, tem emitido declarações reiteradas de apoio ao governo ucraniano, em todas as instâncias multilaterais, e tem insistido em apoiar sanções internacionais contra o governo russo – inclusive econômicas, tendo afirmado que o país deverá buscar substituições de importações russas e novos mercados para exportações⁶³. Duque classifica a ação da Rússia na Ucrânia como um genocídio, em consonância com o uso do termo por mandatários dos Estados Unidos e do Canadá. Por sua vez, a chanceler e vice-presidente da Colômbia, Martha Lucía Ramírez, tem caracterizado a invasão como uma ação injustificada da Rússia contra a Ucrânia e defendido que o governo russo deve responder internacionalmente pelas consequências humanitárias, econômicas e jurídicas do confronto⁶⁴.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, em uma conversa telefônica com Duque realizada em 2 de abril, agradeceu

a ajuda humanitária que a Colômbia tem dado ao seu país⁶⁵. No âmbito comercial, o presidente Duque anunciou que a Colômbia está negociando com a Alemanha o aumento das exportações de carvão, após o país europeu deixar de importar este recurso da Rússia, como parte das sanções econômicas contra esse país⁶⁶.

As tensões entre Colômbia e Rússia foram evidenciadas no marco de uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, quando o presidente Duque apresentou os avanços de seu governo no processo de paz dentro da Colômbia e o representante russo questionou as críticas do atual governo frente ao processo de paz negociado no governo anterior de Juan Manuel Santos e os limitados avanços, por exemplo, no que se relaciona com a proteção da vida dos ex-combatentes das FARC. Duque respondeu que um governo que estava semeando a guerra, como o russo, não tinha autoridade moral para falar de paz⁶⁷.

Nesse contexto, a Embaixada da Rússia na Colômbia disse que o governo colombiano está agravando artificialmente uma tensão nas relações entre os dois países⁶⁸. O episódio se soma a acusações de atores domésticos, como veículos de mídia, mas também do exterior, como do senador estadunidense Marco Rubio, de que a eleição presidencial colombiana, marcada para acontecer em maio e junho de 2022, pode ser afetada por ações de ingerência da Rússia. No mesmo sentido, alguns candidatos acusaram o candidato de esquerda, Gustavo Petro, de estar alinhado com a Rússia e de que ele permitiria uma maior ingerência desse país dentro da Colômbia, caso consiga tornar-se presidente.

[la-oea-que-suspendio-a-rusia-como-observador-por-la-invasion-a-ucrania/](#). Acesso em 23 abril 2022.

61. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/04/07/russia-suspensa-do-conselho-de-direitos-humanos-da-onu-entenda-os-motivos-e-as-consequencias.ghtml>. Acesso em 19/04/2022.

62. Disponível em: https://twitter.com/Minrel_Chile/status/1510746101770510337. Acesso em 19/04/2022.

63. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/economia/sectores/rusia-ucrania-sanciones-economicas-afectarian-mercado-florista-en-colombia-657286>. Acesso em 19/04/2022.

64. Disponível em: <https://www.semana.com/semana-tv/vicky-en-semana/articulo/marta-lucia-ramirez-explica-por-que-la-invasion-militar-de-rusia-a-ucrania-le-importa-a-colombia/202237/>. Acesso em: 26/04/2022.

65. Disponível em: <https://www.portafolio.co/economia/gobierno/duque-hablo-con-zelenski-quien-le-agradecio-por-ayuda-a-ucrania-563650>. Acesso em: 26/04/2022.

66. Disponível em: <https://www.larepublica.co/economia/colombia-estudia-aumentar-exportaciones-de-carbon-a-alemania-por-seguridad-energetica-3339048>. Acesso em 26/04/2022.

67. Disponível em: <https://www.elcolombiano.com/colombia/pelea-entre-duque-y-el-embajador-ruso-en-el-consejo-de-seguridad-de-la-onu-DA17249846>. Acesso em: 26/04/2022.

68. Disponível em: <https://www.semana.com/nacion/articulo/embajada-de-rusia-acusa-a-colombia-de-generar-tension-entre-ambas-naciones/202241/>. Acesso em: 26/04/2022.

Equador

Desde o começo da crise, quando Rússia deu início à ofensiva militar dentro do território ucraniano, o governo do Equador, presidido por Guillermo Lasso, optou por apoiar de imediato as proposições contra a Rússia no âmbito da OEA. Além disso, o governo reforçou, tanto por meio de Lasso quanto do chanceler Juan Carlos Holguín, que acatará as decisões sobre o conflito encaminhadas pelo Conselho de Segurança da ONU⁶⁹, para o qual o país vem reunindo apoio para a candidatura a um dos assentos rotativos para o período de 2023-24⁷⁰.

Além disso, o governo equatoriano estabeleceu estratégias para evacuar civis residentes em território ucraniano, aproximadamente 700, segundo estimativas do Ministério de Relações Exteriores⁷¹. O primeiro voo humanitário foi anunciado no dia 28 de fevereiro com previsão de chegada à Ucrânia em 3 de março⁷², com capacidade para transportar 350 passageiros, além de garantir junto ao governo mexicano 25 assentos em outro voo que sairia de Bucareste, na Romênia. O governo equatoriano também se disponibilizou para cooperar na evacuação de cidadãos e oficiais diplomáticos da Colômbia e do Peru, governos com os quais o país negociou para fretar voos conjuntos que partiram de Varsóvia, na Polônia, e Budapeste, na Hungria⁷³.

Outra preocupação do governo equatoriano foi de que as sanções impostas à Rússia por países do Norte pudessem gerar

insegurança econômica para os mais de 2.400 equatorianos que vivem naquele país. Contudo, por opção da chancelaria, optou-se por não oferecer voo humanitário para estes cidadãos, tendo em vista não estarem em zona de conflito ou sob ameaça de bombardeio. Ainda assim, o chanceler Holguín estimulou seus compatriotas a saírem da Rússia tão logo quanto possível⁷⁴. Diversos cidadãos demonstraram apreensão para voltar para o país natal, sobretudo estudantes universitários, que perderiam suas vagas e se sentiam inseguros com a perspectiva de voltar ao Equador e não conseguir concluir os estudos. Estas apreensões fizeram com que o chanceler equatoriano buscasse junto ao governo russo mecanismos para possibilitar que estudantes equatorianos possam retornar ao país de origem sem sanções das instituições de ensino russas⁷⁵.

Mesmo com o tom moderado e mediador ao dialogar com os diplomatas russos, o chanceler Holguín vem reforçando que a política externa equatoriana não renunciará a valores como a resolução pacífica de conflitos e o respeito aos direitos humanos em favor de uma agenda comercial⁷⁶. Por esta razão, o chanceler justificou o voto do país pela suspensão da Rússia no Conselho de Direitos Humanos da ONU⁷⁷, a despeito dos impactos econômicos negativos que poderiam sofrer, em retaliação, setores exportadores como o bananeiro, de pesca de camarão e de floricultura. Por outro lado, reconheceu que as sanções internacionais contra a Rússia favorecem uma alta do preço do petróleo, mercadoria de exportação estratégica para a economia do Equador⁷⁸.

69. Disponível em: <https://www.bloomberglia.com/2022/02/24/crisis-rusia-ucrania-ecuador-apoyara-las-decisiones-del-consejo-de-seguridad-de-la-onu/>. Acesso em 19/04/2022.

70. Disponível em: <https://www.elcomercio.com/actualidad/ecuador-candidatura-holguin-consejo-onu.html>. Acesso em 19/04/2022.

71. Disponível em: <https://www.eluniverso.com/noticias/ecuador/segun-el-gobierno-se-ha-tomado-contato-con-la-mayoria-de-ecuatorianos-en-ucrania-nota/>. Acesso em 19/04/2022.

72. Disponível em: <https://www.eluniverso.com/noticias/politica/el-vuelo-humanitario-con-ecuatorianos-que-residían-en-ucrania-arribará-el-jueves-al-país-anuncia-la-cancillería-nota/>. Acesso em 19/04/2022.

73. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/colombia/2022/03/14/un-vuelo-humanitario-de-ecuador-traera-colombianos-y-peruanos-de-ucrania-incluyendo-a-los-embajadores/>. Acesso em 19/04/2022.

74. Disponível em: <https://www.elcomercio.com/actualidad/politica/plan-contingencia-ecuatorianos-becados-rusia.html>. Acesso em 19/04/2022.

75. Disponível em: <https://www.bloomberglia.com/2022/03/02/gobierno-le-pedira-a-rusia-que-respete-decision-de-ecuatorianos-de-dejar-ese-pais/>. Acesso em 19/04/2022.

76. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2022/04/12/el-canciller-de-ecuador-sobre-la-relacion-con-rusia-nunca-lo-comercial-podrá-ser-mas-importante-que-los-valores-mas-estructurados-de-nuestra-sociedad/>. Acesso em 19/04/2022.

77. Disponível em: <https://www.elcomercio.com/actualidad/mundo/ecuador-apoya-salida-rusia-derechos-humanos-onu.html>. Acesso em 19/04/2022.

78. Disponível em: <https://www.eluniverso.com/noticias/economia/ecuador-se-beneficiaria-de-mejores-precios-del-petroleo-a-causa-del-conflicto-mili>



Guiana e Suriname

Guiana e Suriname se manifestaram rapidamente no sentido de condenar a invasão russa à Ucrânia. Já no dia 24 de fevereiro, o governo guianense divulgou nota clamando pela cessação da hostilidade e explicitando sua preocupação com a violação do território e da integridade ucranianos⁷⁹. A ação foi acompanhada pelo Suriname, que ressaltou a necessidade de se respeitar a soberania e a autodeterminação da ex-república soviética⁸⁰. Os dois países também votaram favoravelmente à resolução da Assembleia Geral da ONU, em 2 de março, que condenou a invasão da Ucrânia e demandou a retirada imediata, completa e incondicional das forças russas de seu território⁸¹. Em 7 de abril, contudo, ambos se abstiveram de votar sobre a suspensão da Rússia do Conselho de Direitos Humanos da ONU. Segundo o presidente guianense, o motivo era que as investigações sobre possíveis violações de direitos humanos pela Rússia ainda não haviam sido finalizadas, o que inviabilizaria qualquer decisão definitiva a respeito do assunto⁸². Finalmente, em 21 de abril, os dois países votaram a favor da suspensão do status de observadora da Rússia na OEA⁸³.

Paraguai

No mesmo dia da invasão russa, o presidente do Paraguai, Mario Abdo Benítez, condenou o ataque à Ucrânia, em rede social. Para ele, a incursão tratou-se de uma violação dos princípios de soberania e do direito

internacional e pediu diálogo pela paz⁸⁴. Poucos dias depois, o Paraguai votou a favor da resolução da Assembleia Geral da ONU que condenou a invasão russa. Seu voto foi acompanhado por um novo pedido de solução do conflito e das controvérsias a partir do diálogo entre as partes envolvidas, fazendo uso dos instrumentos tradicionais de negociação da ONU. Com o recrudescimento do embate, representantes paraguaios acrescentaram, à sua fala, a necessidade imediata do cessar-fogo em razão do respeito tanto aos princípios do direito internacional, quanto ao bom funcionamento do comércio internacional⁸⁵. No começo de abril, o Paraguai votou a favor da suspensão da Rússia⁸⁶ do Conselho de Direitos Humanos da ONU⁸⁷.

No âmbito regional, em sessão extraordinária virtual da OEA, no final de março, o Paraguai apoiou a resolução da organização que condenou a invasão russa⁸⁸ e, no final de abril, aderiu à exclusão da Rússia do organismo enquanto membro observador⁸⁹. Ademais, como exposto anteriormente, preparou, juntamente com Argentina e Uruguai, um comunicado em nome dos países integrantes do Mercosul condenando a investida russa, mas que não foi publicado em razão da discordância do Brasil⁹⁰.

O Ministro das Relações Exteriores do Paraguai, Euclides Acevedo, classificou a posição do país como uma “postura de

[tar-rusia-ucrania-pero-sus-exportaciones-de-productos-clave-se-complican-nota/](https://www.abc.com.py/nacionales/2022/02/24/mario-abdo-benitez-condena-los-ataques-de-rusia-a-ucrania/). Acesso em 19/04/22.

79. Disponível em: <https://www.minfor.gov.gy/featured/the-government-of-guyanas-statement-on-the-situation-in-ukraine/>. Acesso em 28/04/22.

80. Disponível em: <https://caribbean.loopnews.com/content/suriname-monitoring-very-closely-situation-ukraine>. Acesso em 28/04/22.

81. Disponível em: <https://newsroom.gy/2022/03/02/guyana-votes-yes-with-140-others-at-un-to-stop-fighting-in-ukraine/>. Acesso em 28/04/22.

82. Disponível em: <https://demerawaves.com/2022/04/08/guyana-defends-abstention-on-resolution-to-suspend-russia-from-un-human-rights-council/>. Acesso em 28/04/22/

83. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2022/04/21/como-voto-cada-pais-en-la-reunion-de-la-oea-en-la-que-se-suspendio-a-rusia/>. Acesso em 28/04/22.

84. Disponível em: <https://www.abc.com.py/nacionales/2022/02/24/mario-abdo-benitez-condena-los-ataques-de-rusia-a-ucrania/>. Acesso em: 12/04/2022.

85. Disponível em: <https://www.mre.gov.py/index.php/noticias-de-embajadas-y-consulados/la-republica-del-paraguay-expresa-su-preocupacion-ante-la-situacion-en-ucrania>. Acesso em: 13/04/2022.

86. Disponível em: <https://news.un.org/es/story/2022/04/1506852>. Acesso em: 12/04/2022.

87. Disponível em: <https://www.abc.com.py/internacionales/2022/04/07/la-onu-suspende-a-rusia-del-consejo-de-derechos-humanos-por-abusos-en-ucrania/>. Acesso em: 12/04/2022.

88. Disponível em: <https://www.abc.com.py/internacionales/2022/02/26/paraguay-apoya-en-oea-condena-a-invasion-de-rusia-a-ucrania-argentina-y-brasil-lo-rechazan/>. Acesso em: 12/04/2022.

89. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2022/04/21/como-voto-cada-pais-en-la-reunion-de-la-oea-en-la-que-se-suspendio-a-rusia/>. Acesso em 28/04/22.

90. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/agencias/2022/02/25/actualiza-1-paraguay-retira-comunicado-del-mercosur-sobre-rusia-a-la-espera-de-brasil/>. Acesso em: 12/04/2022.

equilíbrio”, que objetiva um comedimento entre o respeito aos princípios do direito internacional e os interesses econômicos paraguaios. De acordo com ele, esta postura não representaria uma expressão de alinhamento com os Estados Unidos, tampouco com a União Europeia, mas tão-somente uma condenação à deflagração da violência na Ucrânia, conforme a maioria dos países têm expressado⁹¹. No entanto, em momento posterior, Acevedo afirmou que o Paraguai está alinhado com o Ocidente, mas que isto não significaria uma negligência às demandas russas, mas sim um alinhamento com os princípios dos tratados internacionais. O chanceler ponderou, ainda, que o conflito seria atravessado por questões energéticas que envolvem a região da Eurásia e por tensões históricas entre os Estados Unidos, a OTAN e a Federação Russa⁹². Sendo assim, de modo um tanto ambíguo, ainda que o Paraguai condene os ataques à Ucrânia pela Rússia, o país também visa a respeitar suas tratativas comerciais com Moscou⁹³.

Peru

Logo no dia 24 de fevereiro, quando a guerra na Ucrânia começou, o presidente Pedro Castillo se pronunciou fazendo um apelo para que o conflito fosse resolvido pelas instâncias diplomáticas⁹⁴. O chanceler, César Landa, por sua vez, adotou um tom mais firme, afirmando que o Estado peruano “condenava energicamente a ofensiva militar” e ressaltando que os atos de violência praticados pela Rússia eram contrários ao direito internacional⁹⁵. Um dia

91. Disponível em: <https://www.abc.com.py/nacionales/2022/02/28/paraguay-sobre-conflicto-rusia-ucrania-no-nos-alineamos-a-nadie-sino-a-nuestros-propios-principios/>. Acesso em: 12/04/2022.

92. Disponível em: <https://www.lanacion.com.py/politica/2022/02/24/conflicto-rusia-ucrania-paraguay-apelo-al-dialogo-para-la-mediacion-de-las-partes-ante-onu/>. Acesso em: 12/04/2022.

93. Disponível em: <https://www.ultimahora.com/paraguay-pide-respetar-el-derecho-internacional-invasion-ucrania-n2988968.html>. Acesso em: 12/02/2022.

94. Disponível em: <https://larepublica.pe/politica/2022/02/25/conflicto-entre-rusia-y-ucrania-que-dijeron-pedro-castillo-y-otros-presidentes-de-latino-america-sobre-la-guerra-rusia-ucrania/>. Acesso em: 27/04/2022.

95. Disponível em: <https://larepublica.pe/mundo/2022/02/23/peru-en-la-onu-sobre-conflicto-de-ru->

depois, no âmbito da OEA, o Peru votou a favor da declaração proposta que condenava formalmente os ataques russos⁹⁶. O país manteve a mesma posição na Assembleia Geral da ONU, no dia 7 de abril, quando votou a favor da suspensão da Rússia do Conselho de Direitos Humanos⁹⁷, e na OEA, em 21 de abril, quando aderiu à suspensão do status de observador do país⁹⁸.

Ao todo, havia 320 peruanos vivendo na Ucrânia no início da guerra. No dia 3 de março, o Ministério das Relações Exteriores conseguiu autorização para o resgate de parte desse grupo por meio de aeronaves da Força Aérea peruana⁹⁹. Cabe destacar, por fim, que o Peru é um dos países da região que mais vem sofrendo os efeitos da guerra na Ucrânia, do ponto de vista político e econômico. O aumento do preço do petróleo propiciado pelo conflito foi um dos principais responsáveis por elevar o nível da inflação ao mais alto em 26 anos, provocando forte reação dos caminhoneiros, que iniciaram, no início de abril, o maior ciclo de protestos contra o governo desde a chegada do presidente Castillo ao poder¹⁰⁰.

[sia-y-ucrania-es-imperativo-que-cesen-todas-las-hostilidades-manuel-rodriguez-cuadros-naciones-unidas-atmp/](https://larepublica.pe/mundo/2022/02/23/peru-en-la-onu-sobre-conflicto-de-rusia-y-ucrania-es-imperativo-que-cesen-todas-las-hostilidades-manuel-rodriguez-cuadros-naciones-unidas-atmp/). Acesso em: 27/04/2022.

96. Disponível em: <https://elcomercio.pe/mundo/actualidad/guerra-rusia-ucrania-argentina-y-brasil-no-apoyan-en-la-oea-la-condena-a-la-invasion-rusa-de-ucrania-vladimir-putin-alberto-fernandez-jair-bolsonaro-donbas-noticia/>. Acesso em: 27/04/2022.

97. Disponível em: <https://elcomercio.pe/mundo/actualidad/guerra-rusia-ucrania-en-vivo-asamblea-general-de-la-onu-vota-sobre-la-suspension-de-rusia-del-consejo-de-derechos-humanos-vladimir-putin-volodymyr-zelensky-bucha-noticia/?ref=ecr>. Acesso em: 27/04/2022.

98. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2022/04/21/como-voto-cada-pais-en-la-reunion-de-la-oea-en-la-que-se-suspendio-a-rusia/>. Acesso em 28/04/22.

99. Disponível em: <https://peru.com/actualidad/guerra-rusia-ucrania-autorizan-vuelo-de-repatriacion-de-peruanos-que-se-encuentran-en-ucrania-cuantos-aviones-fap-se-usaran-ministerio-de-defensa-rmmn-noticia/?ref=pcom>. Acesso em: 27/04/2022.

100. Disponível em: <https://larepublica.pe/politica/2022/04/05/paro-de-transportistas-protestas-se-agudizan-y-gobierno-dicta-injustificado-toque-de-queda-pedro-castillo-lima-callao-isc/>. Acesso em: 27/04/2022.



Uruguai

Logo após a eclosão da guerra entre Rússia e Ucrânia, a chancelaria do Uruguai posicionou-se diversas vezes contrariamente ao conflito. Mas a primeira manifestação oficial da pasta ocorreu já no dia 23 de fevereiro de 2022, um dia antes da invasão russa no território ucraniano, já renunciada pelo governo de Volodymyr Zelensky. Invocando os objetivos da Carta da ONU e sustentando que a política externa uruguaia tem como princípios a recusa do uso da força e a solução pacífica de controvérsias, a nota divulgada pelo Ministério de Relações Exteriores defendeu a resolução do conflito por meio de negociações diplomáticas e da busca de acordos políticos. A posição do governo baseou-se principalmente na resolução 2202 (2015) do Conselho de Segurança da ONU, que prevê que a solução das tensões na Ucrânia depende do cumprimento dos Acordos de Minsk¹⁰¹.

No dia do início da guerra, 24 de fevereiro, a chancelaria divulgou nota oficial que reiterou o conteúdo do informativo publicado no dia anterior. Segundo o governo uruguaio, a invasão russa viola os princípios da Carta da ONU, cujo artigo 2 estabelece que os membros da organização não devem utilizar o uso da força contra a integridade territorial de qualquer Estado. A nota ainda defendeu o cumprimento das normas do direito internacional e clamou novamente por uma resolução diplomática do conflito¹⁰². Dois dias após essa manifestação, no dia 26 de fevereiro, o Ministério de Relações Exteriores emitiu um comunicado condenando de maneira enfática a invasão da Rússia na Ucrânia. O documento reafirmou o posicionamento expressado nas duas notas oficiais anteriores e citou o apoio do Uruguai à resolução aprovada pelo Conselho Permanente da OEA, que condenou a incursão russa¹⁰³. Essa posição do governo seguiu a manifestação clara do

101. Disponível em: <https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exteriores/comunicacion/comunicados/incremento-tensiones-entre-ucrania-rusia>. Acesso em: 15/04/2022.

102. Disponível em: <https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exteriores/comunicacion/comunicados/uso-fuerza-contra-ucrania>. Acesso em: 15/04/2022.

103. Disponível em: <https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exteriores/comunicacion/comunicados/uruguay-condena-invasion-rusa-ucrania>. Acesso em: 15/04/2022.

presidente Luis Lacalle Pou, que rechaçou ações contrárias ao direito internacional e defendeu que negociações fossem retomadas rapidamente¹⁰⁴.

No dia 28 de fevereiro, em sessão extraordinária da Assembleia-Geral da ONU, convocada pelo Conselho de Segurança para discutir soluções para o conflito, o representante uruguaio na organização, Carlos Amorín, ratificou a posição do governo de condenação à invasão e apoiou o projeto de resolução apresentado na sessão. Ele disse que a violação da soberania ucraniana era inaceitável e que o reconhecimento da independência dos territórios de Donetsk e Luhansk consistia em uma transgressão grave e injustificável do direito internacional. No fim de sua fala, afirmou que o Uruguai não aceitaria o uso da guerra como instrumento de política internacional e incitou a Rússia a retirar suas tropas militares da Ucrânia¹⁰⁵. No dia 2 de março, a chancelaria divulgou nota oficial destacando que a resolução havia sido aprovada com o apoio do Uruguai e de mais 140 países¹⁰⁶. Finalmente, em 7 de abril, o país votou a favor da resolução da Assembleia Geral da ONU que suspendeu a Rússia do Conselho de Direitos Humanos da organização¹⁰⁷ e, em 21 do mês mesmo, também apoiou a suspensão do status observador do país na OEA¹⁰⁸.

Venezuela

A Venezuela declarou apoio à ação da Rússia na Ucrânia, ainda que tenha moderado seu discurso à medida que o

104. Disponível em: https://twitter.com/LuisLacallePou/status/1496846677986070531?ref_src=twsrc%5Etfw. Acesso em: 19/04/2022.

105. Disponível em: <https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exteriores/comunicacion/comunicados/intervencion-uruguay-sesion-extraordinaria-asamblea-general-naciones>. Acesso em: 15/04/2022.

106. Disponível em: <https://www.gub.uy/ministerio-relaciones-exteriores/comunicacion/comunicados/copatrocinio-uruguay-naciones-unidas-aprueba-resolucion-contra-agresion>. Acesso em: 15/04/2022.

107. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/04/07/russia-suspenda-do-conselho-de-direitos-humanos-da-onu-entenda-os-motivos-e-as-consequencias.ghtml>. Acesso em: 19/04/2022.

108. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2022/04/21/como-voto-cada-pais-en-la-reunion-de-la-oea-en-la-que-se-suspendio-a-rusia/>. Acesso em: 28/04/22.

conflito se desenvolveu e fez emergir novas conjunturas relacionadas, especialmente, à geopolítica energética. Em 22 de fevereiro, o presidente venezuelano, Nicolás Maduro, apoiou a movimentação de tropas russas, afirmando que “a Venezuela anuncia seu total apoio ao presidente Vladimir Putin em defesa da paz na Rússia e em defesa da paz naquela região”¹⁰⁹. Maduro também fez acusações à OTAN e aos Estados Unidos, declarando que seu objetivo seria acabar militarmente com a Rússia.

Em 24 de fevereiro, o governo venezuelano emitiu um comunicado em que responsabilizou a OTAN e o governo dos Estados Unidos pelo agravamento da crise na Ucrânia, acusando-os de violar o Acordo de Minsk de 2015. No comunicado, a Venezuela expressou o desejo de que o conflito se resolvesse de forma pacífica, por meio do diálogo entre as partes, e condenou as sanções impostas a Rússia¹¹⁰. O tom do comunicado foi mais contido, se comparado com as declarações de Nicolás Maduro dois dias antes. A oposição ao governo venezuelano condenou a postura adotada pelo país no comunicado, afirmando que o regime de Nicolás Maduro “faz parte do catálogo internacional de autocracias que se apoiam, sem hesitação, para perpetrar ataques contra as democracias do mundo livre.”¹¹¹

No dia 1º de março, em ligação telefônica com Vladimir Putin, Maduro expressou apoio à Rússia na operação militar em território ucraniano¹¹². No dia seguinte, na votação da Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) pela condenação da ação russa, a Venezuela não votou, por estar com esse direito suspenso devido a dívidas do país com a organização. Além da votação da AGNU, no dia 2 de

março também ocorreu o anúncio de novas sanções contra a Rússia pelo governo dos Estados Unidos. Nesse contexto, a Venezuela ressurgiu como um possível fornecedor de petróleo para os Estados Unidos¹¹³.

Em 5 de março, Nicolás Maduro recebeu a visita de uma delegação enviada pelo governo de Joe Biden¹¹⁴. Entre os enviados, estava o conselheiro para América Latina, Juan González, e o embaixador James Story. Na reunião, foram discutidas condições para o alívio das sanções estadunidenses à Venezuela. Após o encontro, Maduro declarou que a reunião foi “respeitosa, cordial e diplomática”¹¹⁵. Também anunciou a liberação de dois presos estadunidenses¹¹⁶ e a retomada do diálogo com a oposição¹¹⁷ – que vinha ocorrendo em 2021 no México, com a intermediação da Noruega. As reações entre a oposição venezuelana foram diversas: Henrique Capriles avaliou o encontro como positivo¹¹⁸, já Juan Guaidó pediu que as petroleiras multinacionais “não troquem um ditador por outro”¹¹⁹. Congressistas republicanos do estado da Flórida também se manifestaram contra o movimento de Joe Biden¹²⁰.

113. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2022/03/14/Como-a-guerra-para-for%C3%A7a-a-aproxima%C3%A7%C3%A3o-entre-EUA-e-Venezuela>. Acesso em 20/04/2022.

114. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/03/missao-dos-eua-vai-a-venezuela-aliada-da-russia-em-meio-a-criese-na-ucrania.shtml>. Acesso em 20/04/2022.

115. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/maduro-diz-que-negociacao-com-eua-sobre-fim-do-em-bargo-petroleo-foi-respeitosa-que-esta-disposto-avancar-25423461>. Acesso em 20/04/2022.

116. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-liberta-pelo-menos-dois-americanos-apos-conversas-com-delegacao-dos-eua,70004002599>. Acesso em 20/04/2022.

117. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/maduro-anuncia-la-reactivacion-del-proceso-de-dialogo-con-la-oposicion/>. Acesso em 20/04/2022.

118. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/capriles-valora-positivamente-reunion-entre-ee-uu-y-maduro/>. Acesso em 20/04/2022.

119. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/juan-guaido-pide-a-petroleras-que-no-cambien-un-dictador-por-otro/>. Acesso em 20/04/2022.

120. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/congresistas-republicanos-criticaron-a-biden-por-negociar-con-maduro/>. Acesso em 20/04/2022.

109. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/maduro-venezuela-esta-con-putin-esta-con-las-causas-valientes-y-justas/>. Acesso em 20/04/2022.

110. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/llamamos-a-retomar-el-camino-del-dialogo-la-posicion-de-maduro-ante-la-invasion-rusa-de-ucrania/>. Acesso em 20/04/2022.

111. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/guaido-condena-invasion-rusa-a-ucrania-y-rechaza-apoyo-de-maduro-al-kremlin/>. Acesso em 20/04/2022.

112. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/maduro-expresa-a-putin-su-firme-apoyo-a-la-operacion-militar-especial-en-ucrania/>. Acesso em 20/04/2022.



Apesar da visita da delegação estadunidense, a posição do governo Maduro quanto à crise na Ucrânia continua sendo de apoio à Rússia. No dia 10 de março, a vice-presidenta Delcy Rodríguez e o chanceler Félix Plasencia se reuniram com o chanceler russo Sergey Lavrov, na Turquia, e reafirmaram seus laços de amizade¹²¹. Ainda assim, as relações da Venezuela com os Estados Unidos parecem entrar em novo momento: no dia 12 de abril, o chanceler Plasencia convidou o secretário de Estado Antony Blinken para construir uma rota de diálogo e entendimento no relacionamento entre os dois países¹²².

Conclusão

O panorama das posições dos países sul-americanos sobre a guerra na Ucrânia revela uma tendência predominante de condenação ao ataque feito pela Rússia e de incitação ao diálogo multilateral para se alcançar uma solução pacífica. A defesa do direito internacional, no ponto que se refere à inviolabilidade da soberania de um Estado, aparece como o principal argumento contra a ação russa, levantado em pronunciamentos dos governos e de delegações em organizações internacionais. O principal instrumento regional de protesto à ação da Rússia foi a sua suspensão como observadora da OEA. Além disso, a maioria dos países percebe que a Rússia está violando direitos humanos da população ucraniana durante a invasão, razão pela qual apoiaram a suspensão da sua participação no Conselho de Direitos Humanos da ONU (CDH). Por outro lado, os países não tenderam, até agora, a aderir às sanções econômicas contra a Rússia que vêm sendo encampadas pelos Estados Unidos e pela União Europeia, com exceção da Colômbia. Em resumo, tem-se o quadro de posições (Quadro 1) apresentado na página seguinte.

Pode-se depreender que a Colômbia (oficialmente um país aliado extrarregional da OTAN) é o país mais próximo da Ucrânia, conforme simbolizado pela ligação telefônica feita entre os presidentes Duque e Zelensky,

121. Disponível em: <https://www.elnacional.com/venezuela/venezuela-reafirma-su-voluntad-de-seguir-cooperando-con-rusia/>. Acesso em 20/04/2022.

122. Disponível em: <https://efectococuyo.com/politica/canciller-estados-unidos-ruta-de-dialogo/>. Acesso em 20/04/2022.

no início de abril. Por outro lado, a Venezuela destoa, na vizinhança, ao ser o único país a prestar apoio à Rússia numa guerra vista como necessária para conter a OTAN, o que também foi simbolizado por um telefonema entre os presidentes Maduro e Putin, em março. Por sua vez, o Brasil é o único país da região que defende uma posição de neutralidade, sem apoiar explicitamente nem Ucrânia, nem Rússia, conforme os termos do presidente Bolsonaro.

Destaca-se, ainda, que a posição oficial de um governo sobre a guerra na Ucrânia pode suscitar tensões políticas domésticas. Na Colômbia, a forte defesa do lado ucraniano pelo governo contamina a eleição presidencial deste ano, ao ensejar uma desconfiança sobre a lisura do processo e a relação do líder da oposição com o “inimigo externo”. No Brasil, a neutralidade advogada pelo presidente Bolsonaro não encontra apoio nem do vice-presidente Mourão (favorável à defesa da Ucrânia), nem do Itamaraty (inclinado a condenar a invasão da Rússia em pronunciamentos, ainda que abstendo-se de sancioná-la em votações multilaterais). Na Argentina, onde o presidente Fernández vem disputando, ao longo do mandato, uma queda de braço por influência com a vice-presidente Kirchner, chama atenção que esta tenha se pronunciado de forma separada e com um tom menos condenatório à Rússia.

Na Bolívia, o partido do presidente Arce, o MAS, faz questão de mostrar-se mais crítico à OTAN do que o governo, por meio de declarações do ex-presidente Morales. Estes episódios evidenciam que a guerra (ou, mais amplamente, a política externa) é um terreno propício para atores domésticos variados demarcarem posições ideológicas distintas perante a população, o que complexifica a definição da posição que um país pode assumir na balança de poder internacional.

Por fim, convém salientar os efeitos negativos que, em um cenário de crise como o atual, são provocados pela ausência de uma organização regional sul-americana com força institucional para articular um diálogo autônomo entre os vizinhos. No Peru, a crise política que se arrasta há anos, permeada por destituições de presidentes, promete ganhar um novo capítulo com a mobilização de motoristas contra o governo Castillo devido ao encarecimento dos combustíveis,

em consequência, por sua vez, da subida do preço internacional do petróleo, motivada pela guerra. Por outro lado, Venezuela e Equador tendem a ser beneficiados pela valorização do petróleo, importante produto de exportação para ambos. Uma organização que pudesse mediar uma política energética entre os países prejudicados e beneficiados pelos efeitos econômicos da guerra poderia desempenhar um papel importante de solidariedade regional neste momento, como outrora possibilitado pela UNASUL, dotada de um Conselho de Energia (além de um Conselho de Defesa, destinado a articular posições comuns entre os vizinhos nesta matéria). Entretanto, a centralização da discussão regional na OEA, historicamente dominada pelos Estados Unidos, constrange os países sul-americanos a tratarem a crise pelo prisma da segurança internacional das grandes potências, em vez de se deterem nas repercussões mais pertinentes ao desenvolvimento econômico de si mesmos e do seu entorno geopolítico.

Quadro 1 – Posições dos países sul-americanos sobre a guerra na Ucrânia

	Declaração de condenação à Rússia com apoio a sanções e suspensões	Declaração de condenação à Rússia, mas sem apoio a sanções econômicas				Declaração de neutralidade, sem apoio a sanções e se abstendo sobre suspensões	Declaração de apoio à Rússia, sem apoio a sanções e contra suspensões
		A favor de suspender do CDH e da OEA	A favor de suspender do CDH; abstenção sobre OEA	A favor de suspender da OEA; abstenção sobre CDH	Abstenção sobre suspender do CDH e da OEA		
Argentina			X				
Bolívia					X		
Brasil						X	
Chile		X					
Colômbia	X						
Equador		X					
Guiana				X			
Paraguai		X					
Peru		X					
Uruguai		X					
Venezuela							X
Suriname				X			

Fonte: Elaboração própria.

